

OS SABERES DE FREIRE

- Resenha –

Por Eliane Trindade Bianchini¹

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários para a prática educativa*. São Paulo: EGA, 1996.

O livro *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa* foi escrito por Paulo Reglus Freire, grande educador brasileiro graduado pela Faculdade de Direito de Recife, mas que nunca exerceu a profissão de advogado e que tinha um vasto conhecimento sobre assuntos relacionados à educação. Nessa obra, Freire dá uma aula sobre a postura que os educadores devem adotar dentro e fora das salas de aula.

No primeiro capítulo intitulado *Não há docência sem discência*, Freire se dirige aos educadores críticos progressistas, mas deixa claro que os saberes que serão apresentados são úteis e necessários também a educadores conservadores. Demonstrou também seu respeito a qualquer posicionamento político educacional.

Freire enaltece o educador que não se satisfaz apenas com o progresso quantitativo do aluno, mas confere se conseguiu aguçar a curiosidade, a inquietação e o interesse em seu aprendiz e o educando que não se contenta com o objeto aprendido na aula, mas que o utiliza como alavanca para buscar ainda mais.

Critica o professor, que utiliza um método de ensino sem envolvimento, para referir-se àquele que até consegue investir tempo em leitura e estudo, mas não se preocupa em refletir sobre o objetivo estudado nem tem a capacidade de relacioná-lo à realidade em que vive. Para ele, o educador que assim se comporta não tem a coragem de arriscar, de falar de suas ideias, pois não se apropria do conhecimento e a ele não acrescenta. Segundo ele, somente intervindo no mundo é que podemos de fato conhecer o mundo. A dicotomia estabelecida por Freire entre docência e discência é para mostrar

¹ Pedagoga. Email: nany.afro@hotmail.com

que o educador deve continuar buscando o aprimoramento, mesmo depois de ensinar, fazendo com que o conhecimento não se encerre.

O autor destaca a necessidade de humanizar o ensino e considera antiético transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico, pois, ao ensinar, o educador está lidando com seres humanos em construção do seu conhecimento e, portanto, há em volta dessa construção a formação moral do educando.

O *pensar certo*, citado por Freire ao longo deste primeiro capítulo, faz menção ao pensamento do educador que não se propõe a transmitir conhecimento como pronto e acabado, mas que contagia o aluno à participação, que valoriza a comunicação, à troca de conhecimento na dicotomia entre o pensar e o fazer e o repensar sobre o que foi feito. A curiosidade epistemológica, a que Freire se refere, é a reflexão sobre o sujeito, aprendiz indagador, e o objeto, conhecimento. Podemos fazer um paralelo com uma frase contemporânea do conhecimento popular que afirma esse pensamento de Paulo Freire: “O que move o mundo não são as respostas e sim as perguntas”. É somente perguntando, duvidando e questionando que o aprendizado se consolida e, por isso, Freire destaca a importância da reflexão da prática pelo educador. Se o professor avalia sua prática rotineiramente, é possível que ele se reinvente e se promova e esta mudança reflete positivamente em seus alunos.

Além da valorização do aprendiz, Freire termina o capítulo valorizando o professor, chamando atenção até mesmo aos gestos desse como força incentivadora ao aluno. Contando uma experiência pessoal nos adverte quanto à importância da conduta do educador e como esta pode interferir positiva ou negativamente no processo de autovalorização e conseqüentemente de crescimento do educando. Ele enfatiza a valorização do envolvimento e de como a emoção, a sensibilidade e a afetividade entre professor e conhecimento, professor e aluno, aluno e conhecimento pode mudar significativamente a experiência de aprender. É muito mais prazeroso e proveitoso buscar alcançar aquilo com que me envolvo.

O segundo capítulo *Ensinar não é transferir conhecimento* fala da importância de se envolver com o conhecimento em todos os seus aspectos. Segundo o que diz Freire, o educador que apenas se informa sobre o objeto para transmiti-lo aos alunos, sem aguçá-lo a curiosidade, não consegue criar condições para que este se perpetue e, se perpetuando, se reproduza mais crítica e criativamente.

Aqui chegamos ao ponto de que talvez devêssemos ter partido. O do inacabamento de ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre homens e mulheres o inacabamento se tornou consciente Freire (1996, p.29).

Seria óbvio afirmar que somente o homem tem o privilégio de ter a consciência do inacabamento. Todos nós sabemos que os animais não têm a capacidade dessa percepção. Mas o que Freire deseja nessa frase é insistir para que o homem, mais exatamente o educador, sinta a necessidade de continuidade. O educador precisa se apropriar dessa consciência para se superar em sua inteligência e capacidade de buscar e criar e, sobre isso, o autor afirma: “Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso mais além dele” (FREIRE, 1996, p. 31).

Freire também chama atenção para a importância da ética quando se refere à consciência do inacabamento. Ele ressalta que com essa consciência o homem é capaz de intervir tanto positiva quanto negativamente no mundo e que este não pode se eximir dessa responsabilidade. Por isso, a constante busca pelo saber e a prática desses avanços, fruto da consciência do ser ainda não concluído, deve estar atrelado à ética. O educador que simplesmente transmite conteúdos, sem levar em consideração a curiosidade do educando e sem permitir que este indague e questione, castra a capacidade desse aprendiz de se reproduzir e avançar aventurando-se no desenvolvimento da criatividade. Ele diz que esse educador, que não respeita a autonomia do aluno, “transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência” (FREIRE, 1996, p. 35).

Paulo Freire apela também para a importância do bom senso e diz que a autoavaliação do educador traz benefícios a ele mesmo. Muito além de praticar a criticidade diante do conhecimento e do mundo, o professor deve ser crítico com si mesmo em relação à sua postura diante de seus alunos. Ainda falando sobre respeito à ética e à dignidade do educando, não há como o professor se envolver e contagiar seus alunos, se este está alheio a sua situação de vida, se não está cômico de seus conhecimentos anteriores e em que condição esse saber foi desenvolvido. Aqui há o destaque da influência positiva ou negativa do educador sobre a vida do aluno. Freire afirma que nenhum professor passa pela vida de um aluno sem deixar marcas e incentiva que o aprendizado aconteça num clima de alegria e esperança. Essa esperança

nos impulsiona à luta pela mudança por um mundo melhor e mais humanizado onde as pessoas realmente se importam umas com as outras. O bom senso, citado no início desse parágrafo, também se refere à autoridade docente e sobre isso Freire (1996, p. 54) orienta:

Somente nas práticas em que autoridade e liberdade se afirmam e se preservam enquanto elas mesmas, portando no respeito mútuo, é que se pode falar de práticas disciplinadas como também em práticas favoráveis à vocação para o ser mais.

O autor continua falando sobre autoridade docente no capítulo 3 *Ensinar é uma especificidade humana*, dizendo que essa autoridade se respalda na competência profissional que o educador carrega. A sabedoria, o domínio da informação, a segurança e também a generosidade do professor determinam sua autoridade sem que haja a necessidade de ressaltá-la com palavras. Essa autoridade gera uma liberdade criativa, desafiadora e inquietante que tanto influencia na apropriação do conhecimento pelos alunos. Somente respeitando o direito de indagar, de questionar, de duvidar da informação compartilhada é que o professor liberta os alunos para o exercício da criatividade reinventiva.

Como ensinar/aprender é um privilégio da raça humana, vale ressaltar como esse ato pode intervir no mundo em que vivemos. O conhecimento dessa capacidade nos permite avaliar o contexto ao qual estamos inseridos, questionando a realidade, procurando meios de melhorá-la, exercendo assim a cidadania.

Defensor da pedagogia progressista, segundo a qual os conteúdos não podem ser ensinados de forma indissociada à sua significação humana e social, Freire defende que o conteúdo deve ser ajustado às necessidades do meio, onde o professor tem uma relação de respeito com seus alunos. Paulo Freire questiona o educador que se diz progressista e que adota uma postura autoritária e a denomina como prática incoerente. O professor que respeita seu aluno tem a capacidade de escutá-lo e aceita suas escolhas e opiniões. Freire diz que prefere a rebeldia que confirma a humanização aos mecanismos que minimizam o homem como gente. Dessa maneira, o teórico preza pela formação integral do ser humano em detrimento do treino mecânico de métodos.

O interessante nesta obra é a insistência de Freire em trabalhar no educador algumas qualidades como amorosidade, tolerância, humildade, alegria, competência, entre outras. E, ainda, como essas virtudes podem fazer a diferença na postura do

professor que deseja marcar positivamente a vida de seus alunos. Sobre isso, Paulo Freire (1996, p. 85) afirma:

É no respeito às diferenças entre mim e eles ou elas, na coerência entre o que faço e o que digo, que me encontro com eles ou com elas. É na minha disponibilidade à realidade que construo a minha segurança indispensável à própria disponibilidade à realidade sem segurança, mas é impossível também criar a segurança fora do risco da disponibilidade.

A segurança, que o bom educador deve ter, não é por dominar este ou aquele conteúdo, mas por apoiar-se na certeza de ser um ser inacabado e, por isso, saber que pode buscar o que ainda não conheceu. Freire, apesar de demonstrar com suas palavras tanta sabedoria, conhecimento e inteligência, se apresenta com muita humildade como um homem aberto a aprender, consciente de que não sabe tudo.

Paulo Freire finaliza seu livro com o subtítulo *Ensinar exige querer bem aos educandos*. Esse subtítulo no encerramento não deve ter acontecido acidentalmente. Freire devia pretender que esta mensagem realmente se fixasse na mente e no coração de seus leitores: a de que para conseguir alcançar as qualidades descritas em seu livro, para ser um bom educador, o professor antes de tudo precisa ter uma relação de afeto com seus alunos e com a prática educativa, mas chama a atenção para que esse afeto não interfira na forma de ver e atender esse ou aquele aluno. Freire alerta para que o afeto não crie distinção de pessoas. Ele incentiva aos educadores que cumpram sua função com alegria e amorosidade, ainda, a permanecerem na luta pela dignidade e pela valorização de sua profissão.

Ao terminar a leitura desse livro, o educador tomará a consciência de si mesmo como gente. Gente que trabalha com gente e que toma, como prática principal de sua profissão, o sentimento genuíno de respeito ao homem como colaborador para uma sociedade mais justa e humana. Após a leitura, o professor terá a percepção de sua força impulsionadora de sujeitos autônomos que não se contenta com o inacabado, mas que busca condições para conhecer, construir e se superar.